

DANÇA PARA A INCLUSÃO

MOVIMENTO EM FOCO

MODELO METODOLÓGICO E SISTEMATIZAÇÃO DE PRÁTICAS – ANO PILOTO

*DCTR Associação Cultural
2025*

PROMOTOR

DCTR

FINANCIADORES:

**PARTISAN &
ARTFORCHANGE**

UMA INICIATIVA:

**FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN**

BPI

Fundação "A Casa"

PARCEIROS

**AVEIRO
CÂMARA
MUNICIPAL**

AVEIRO

AVEIRO

AVEIRO

AVEIRO

Diário de Aveiro

AVEIRO

**ACAPD
E F E P
ASSOCIAÇÃO DE CULTURA
EUROPEIA E PORTUGUESA**

ÍNDICE

NOTA INTRODUTÓRIA E ENQUADRAMENTO	2
PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS	3
ESTRUTURA GERAL DO ANO PILOTO	4
ASSEMBLEIAS COMUNITÁRIAS INCLUSIVAS (ACI)	5
OFICINAS DE DANÇA INCLUSIVA	8
OFICINAS DE FOTOGRAFIA INCLUSIVA	11
PROCESSOS DE CRIAÇÃO E APRESENTAÇÃO PÚBLICA	15
AVALIAÇÃO	17
SÍNTESE METODOLÓGICA	17

1. NOTA INTRODUTÓRIA E ENQUADRAMENTO

O presente documento tem como objetivo organizar e registar a experiência desenvolvida durante o ano piloto do projeto “*Dança para a Inclusão: Movimento em Foco*”, realizado de janeiro a dezembro de 2025 na cidade de Aveiro, procurando sintetizar as principais opções metodológicas, o processo de implementação das atividades e as aprendizagens alcançadas.

O projeto teve como objetivo principal promover a inclusão social e cultural de pessoas com deficiência, por meio de práticas de criação artística participativa nas áreas da dança e da fotografia, articuladas com assembleias comunitárias inclusivas, concebidas como espaços de diálogo e reflexão com a comunidade aveirense.

A dança e a fotografia foram utilizadas como linguagens complementares: a dança como prática de pesquisa corporal, relacional, sensitiva e expressiva, e a fotografia como instrumento de descoberta, observação, registo, e visibilidade das narrativas criadas.

“*Dança para a Inclusão: Movimento em Foco*” baseia-se no princípio de que todos os corpos, identidades e experiências são válidos como matéria artística, promovendo o acesso à criação, fruição e autoria a pessoas com e sem deficiência, independentemente da experiência prévia em práticas artísticas.

Mais do que descrever o que foi realizado, este documento procura clarificar o modelo de trabalho construído na prática, refletindo as decisões, os ajustes e as aprendizagens resultantes da experiência real.

O desenho metodológico aqui apresentado constitui, por isso, um instrumento de apoio ao planeamento de futuras fases do projeto, podendo servir de referência para adaptação ou replicação da iniciativa, devendo ser entendido como um modelo flexível, sensível aos contextos e às especificidades dos territórios e das pessoas envolvidas.

2. PRINCÍPIOS METODOLÓGICOS APLICADOS

Durante a execução do ano piloto, a metodologia foi orientada pelos seguintes princípios:

Co-criação colaborativa: participantes com e sem deficiência estiveram envolvidos em todas as fases do processo artístico, desde a geração de conteúdos até às decisões finais de criação e apresentação pública.

Centralidade da experiência vivida: os corpos, as narrativas pessoais, as relações com a cidade e as vivências quotidianas foram a principal fonte de material artístico.

Horizontalidade relacional: artistas, participantes, técnicos e parceiros trabalharam numa lógica de escuta mútua, negociação e partilha de responsabilidades.

Adaptação contínua: o planeamento foi ajustado ao longo do tempo, respeitando ritmos, capacidades, níveis de energia e interesses dos grupos.

Processo acima do resultado: embora existam resultados artísticos públicos, o foco esteve no percurso de investigação, descoberta, aprendizagem, empoderamento e construção coletiva.

3. ESTRUTURA GERAL DO ANO PILOTO

O projeto foi estruturado em quatro eixos metodológicos interligados, implementados de forma progressiva ao longo do ano piloto:

- 1. Assembleias Comunitárias Inclusivas**
- 2. Oficinas de Dança Inclusiva**
- 3. Oficinas de Fotografia Inclusiva**
- 4. Processos de Criação e Apresentação Pública**

Estes eixos não funcionaram de forma estanque, mas em permanente diálogo, alimentando-se mutuamente.

No **primeiro semestre**, o trabalho concentrou-se na integração do projeto no território, no fortalecimento das relações com os parceiros locais e na validação das hipóteses de trabalho. O processo iniciou-se com as assembleias comunitárias, seguido pelas oficinas de dança e, posteriormente, pelas oficinas de fotografia.

Nesta fase, as oficinas privilegiaram a construção de relações de confiança, o desenvolvimento da identidade coletiva e a aquisição de competências artísticas de natureza técnica.

No **segundo semestre**, aprofundaram-se as ligações ao território e às entidades parceiras, consolidaram-se as competências e a identidade dos grupos, e as práticas artísticas evoluíram para uma fase de co-criação autoral. Este processo culminou em apresentações públicas — uma exposição fotográfica e um espetáculo de dança-performance.

Neste período foram ainda introduzidos alguns ajustamentos metodológicos: as assembleias transformaram-se em encontros de reflexão comunitária, e integrou-se a colaboração de dois artistas convidados (um da área da fotografia e outro da dança inclusiva), que acompanharam o processo criativo final com vista às apresentações públicas.

4. ASSEMBLEIAS COMUNITÁRIAS INCLUSIVAS

(ACI)

4.1 FUNÇÃO NO PROJETO

As Assembleias Comunitárias Inclusivas foram planeadas para servirem como espaço de reflexão e tomada de decisão coletiva.

No decorrer do projeto, funcionaram como momentos-chave para:

- **A escuta ativa e expressão coletiva:** promovendo a participação e a aceitação de ideias, propostas e inquietudes dos membros da comunidade que assistiram;
- **A identificação de necessidades, dificuldades e desafios práticos do projeto:** permitindo analisar as expectativas iniciais versus a realidade no terreno, e reconhecer as possibilidades concretas, em conjunto com membros da comunidade, agentes e artistas locais, e equipas de avaliação;
- **O debate sobre recursos e estratégias de superação:** favorecendo a definição de soluções adequadas aos desafios identificados;
- **A discussão de temas ligados à inclusão, à deficiência e à relação com a cidade e suas instituições, e o papel da arte:** articulando experiências individuais e coletivas;
- **A tomada de decisão partilhada:** orientando ajustes e adaptações ao percurso do projeto;
- **O envolvimento da comunidade alargada:** incluindo familiares, técnicos, parceiros e público, trazendo ganhos progressivos em termos de sensibilização e participação.

4.2 IMPLEMENTAÇÃO PRÁTICA

As assembleias realizaram-se em espaços comunitários e culturais da cidade, com periodicidade mensal. Apesar de um registo de assistência flutuante, foi possível contar com a participação de representantes dos parceiros do projeto, membros da comunidade geral, agentes de outras instituições não parceiras, artistas locais e equipa de avaliação externa.

Cada assembleia foi mediada pela direção artística e pela gestão de projeto, garantindo:

- **acessibilidade** comunicacional;
- criação de um **ambiente seguro**;
- estímulo à **participação** de diferentes vozes.

Os temas emergiram das preocupações e experiências que iam sendo registradas ao longo do projeto, fazendo a ponte entre as oficinas de práticas artísticas e as experiências de inclusão na relação com a cidade.

4.3 APRENDIZAGENS METODOLÓGICAS

Tal como referido anteriormente, a participação nas ACI foi irregular ao longo do projeto, revelando-se mais significativa quando associada a momentos de partilha artística com a comunidade.

Embora algumas assembleias tenham tido quórum reduzido, o que dificultou seguir integralmente o planeamento, foi sempre possível recolher informações essenciais para a retroalimentação do projeto.

Para contornar esta questão da participação da comunidade, o modelo de assembleia foi ajustado, transformando-se, sempre que possível, em conversas ou encontros de reflexão vinculados a atividades ou apresentações públicas.

As conversas pós-apresentações mostraram-se particularmente frutíferas, funcionando como assembleias informais que reforçaram a legitimidade da autoria dos participantes do projeto e o reconhecimento do seu papel criativo. Nestes

momentos, o público aderiu em número bastante significativo e envolveu-se ativamente na reflexão coletiva.

Ao longo do processo foi também possível identificar fatores-chave que poderão favorecer a participação: a implementação de estratégias de comunicação mais assertivas, o fortalecimento da relação com parceiros locais, a otimização do uso dos canais de divulgação e uma postura mais proativa na interação com a comunidade.

A partir destas aprendizagens, o modelo de assembleia poderá evoluir para uma forma mais estratégica de dinamização de ações de sensibilização e reflexão, direcionada a públicos específicos e articulada com iniciativas comunitárias. Este enfoque permitirá potenciar a visibilidade das questões de inclusão nas práticas artísticas que o projeto promove, reforçando o seu impacto social e cultural.

5. OFICINAS DE DANÇA INCLUSIVA

5.1 PAPEL NO PROCESSO GLOBAL

A dança constituiu a prática artística central do projeto, olhando para o corpo e o seu movimento como principais agentes de interação com o ambiente, com os outros participantes, com a cidade e com a sociedade.

É através do corpo e do seu movimento que os estímulos ganham (ou não) expressão e forma, permitindo a criação de registos emocionais e a construção de experiências. Para todas as pessoas, independentemente de terem ou não deficiência, o corpo e o seu movimento (ou a ausência de movimento) revelam singularidades e traduzem diferenças.

É a partir desta perspetiva — que entende o corpo como veículo de expressão e de relação com o mundo — que as oficinas de dança assumem um papel primordial no projeto: como prática criativa que possibilita a circulação, a visibilização e a expressão de corpos diversos nos espaços públicos da cidade.

5.2 ORGANIZAÇÃO E PERIODICIDADE

As oficinas de dança foram as primeiras a começar o projeto e também as que se mantiveram por mais tempo, realizando-se semanalmente.

Os grupos eram compostos por pessoas com e sem deficiência, e por pessoas das equipas técnicas das instituições parceiras, garantindo mediação adequada à diversidade dos participantes.

O estúdio da Dancenter serviu como espaço base das oficinas, mas as atividades deslocaram-se frequentemente por diferentes locais da cidade de Aveiro, incluindo as instalações da APPACDM, da CERCIAV e da ACAPO, a sala multiusos da AAUAV, o Parque da Cidade, os jardins do Fórum Aveiro e a sala-estúdio do Teatro Aveirense.

A estrutura das sessões manteve-se flexível, adaptando-se às necessidades do grupo e à fase do projeto, alternando entre momentos de aprendizagem técnica e momentos de experimentação e criação artística. Esta flexibilidade permitiu responder de forma sensível aos ritmos individuais e coletivos, potenciando a participação ativa de todos.

5.3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

A dança foi inicialmente trabalhada em grande grupo, proporcionando experiências de interação, desenvolvimento da confiança e exploração do movimento. Nas fases intermédias, o trabalho organizou-se em pequenos grupos, duetos e solos, permitindo um contacto mais próximo e o desenvolvimento da autonomia.

As oficinas evoluíram incorporando progressivamente:

- **A improvisação guiada:** estimulando criatividade e autonomia expressiva;
- **A exploração do movimento funcional e expressivo:** desenvolvendo consciência corporal e capacidades técnicas;
- **A relação corpo–espaço–outro:** favorecendo a percepção do ambiente e a interação com os colegas;
- **A tradução de narrativas pessoais em material coreográfico:** convertendo experiências individuais em expressão coletiva.
- **A composição coreográfica e concepção de espetáculo:** como elemento agregador e organizador de narrativas e material, permitindo a experiência de co-criação, de relação com outros elementos (como som, luz, cenário, figurinos), potenciando a validação de escolhas e de competências criativas.

As propostas eram abertas, incentivando múltiplas respostas corporais e promovendo a participação de todos, sem hierarquização de capacidades, reforçando o carácter inclusivo e experimental da prática.

5.4 EVOLUÇÃO DO PROCESSO

Na **fase inicial**, as oficinas centraram-se no desenvolvimento da consciência corporal, na construção de confiança e na consolidação das relações de grupo. Progressivamente, o trabalho evoluiu para explorar a criatividade corporal, a autonomia e a interação com o ambiente e os estímulos — incluindo espaço físico, música, temperatura, materiais e a presença de outras pessoas e intervenientes.

Foram também exploradas a expressão e a expressividade, bem como a memória corporal e coreográfica, permitindo aos participantes experimentar diferentes formas de comunicar através do movimento.

Na **fase final**, o foco passou para a criação e composição coreográfica, momento em que os participantes se reconheceram como intérpretes e criadores de um espetáculo, consolidando aprendizagens técnicas, expressivas e colaborativas adquiridas ao longo de todo o processo.

5.5 APRENDIZAGENS METODOLÓGICAS

A participação de pessoas com e sem deficiência variou ao longo do projeto, sendo que a presença consistente de participantes sem deficiência foi mais limitada. Percebeu-se que estratégias de comunicação mais claras e direcionadas a públicos específicos, juntamente com uma maior aproximação aos parceiros e à comunidade, podem ajudar a aumentar a adesão voluntária às oficinas.

Também se verificou que, ao trabalhar com grupos grandes e diversos — que precisam de atenção especial em dança inclusiva — é importante um reforço adequado dos recursos humanos. O acompanhamento é mais eficaz quando há pelo menos dois co-facilitadores e assistentes de apoio em cada sessão, garantindo segurança, inclusão e qualidade do trabalho artístico.

6. OFICINAS DE FOTOGRAFIA INCLUSIVA

6.1 PAPEL NO PROCESSO GLOBAL

A fotografia funcionou como uma extensão do olhar sobre o corpo, a cidade e as relações estabelecidas ao longo do projeto. As oficinas integraram-se no processo criativo, não como uma atividade paralela, mas como uma linguagem artística autónoma, em diálogo constante com a dança, especialmente na fase de criação, enriquecendo as possibilidades de expressão e de desenvolvimento de narrativa para o espetáculo.

6.2 ORGANIZAÇÃO E PERIODICIDADE

As oficinas de fotografia começaram um mês depois das oficinas de dança e tiveram um calendário mais curto, mas decorreram igualmente com periodicidade semanal. Os grupos eram compostos por pessoas com e sem deficiência, acompanhadas por técnicos das instituições parceiras, garantindo apoio e mediação.

O estúdio da Dancenter serviu como espaço base das oficinas, mas as atividades deslocaram-se frequentemente por diferentes locais da cidade de Aveiro, incluindo as instalações da CERCIAV, jardins e espaço circundante à Dancenter, vários pontos do Parque da Cidade, jardins do Fórum Aveiro, Praça da República, áreas próximas do Teatro Aveirense, e a zona da Ria e do Rossio.

A estrutura das sessões manteve-se flexível, respeitando a lógica de desenvolvimento sequencial e progressivo das competências, e adaptando-se ao grupo e à fase do projeto — seja em momentos de aprendizagem técnica, seja em momentos de criação artística.

6.3 METODOLOGIA APLICADA

As oficinas de fotografia iniciaram-se com trabalho em grande grupo e evoluíram para atividades em equipas menores. O material utilizado foi principalmente câmaras digitais compactas e reflex, partilhadas pelas equipas.

A metodologia foi ativa e experimental, centrada no incentivo à experiência, à curiosidade e à colaboração.

De forma geral, o trabalho desenvolveu-se segundo os seguintes princípios:

- **Experimentação:** estimulando a exploração criativa de captação de imagens;
- **Trabalho em grupo e individual:** promovendo cooperação e autonomia;
- **Alternância de papéis:** permitindo que todos experimentassem fotografar e ser fotografados;
- **Aceitação da diversidade de escolhas:** respeitando diferentes percepções e estilos na seleção dos objetos de fotografia;
- **Exploração do espaço público:** utilizando a cidade como lugar de criação e interação;
- **Trabalho progressivo** de seleção, edição e composição, permitindo a experiência de preparação do material para a exposição final;
- **Desenvolvimento da consciência de autoria:** promovendo a participação ativa na seleção das imagens e na organização da exposição, reforçou-se o sentido de pertença, valorizando escolhas, o trabalho realizado e evidenciando o orgulho pelos resultados criativos alcançados.

6.4 EVOLUÇÃO DO PROCESSO

Na **primeira fase**, as oficinas centraram-se na aquisição de competências técnicas básicas de fotografia e no domínio dos materiais de trabalho. Os participantes aprenderam a manusear corretamente as câmaras fotográficas, explorar e

identificar os componentes essenciais, e compreender conceitos fundamentais como luz e sombra, focagem, contraste e enquadramento.

À medida que o projeto avançava, o foco passou para o desenvolvimento da consciência estética, das escolhas e da tomada de decisão ao capturar imagens, promovendo exploração e experimentação livres. Também se trabalhou o reconhecimento da fotografia como registro de memórias e emoções, como forma de contar histórias e como ferramenta de expressão e criação de narrativas.

Em **fases mais avançadas**, a experimentação passou para espaços públicos da cidade, permitindo que os fotógrafos explorassem a sua relação com o ambiente urbano e social.

Posteriormente, o trabalho concentrou-se no desenvolvimento de competências de composição, sentido estético na seleção das imagens para apresentação pública, reforço do sentido de autoria e compreensão do conceito de exposição fotográfica.

Na **fase final**, os participantes escolheram as imagens para a exposição e aprenderam os processos de preparação e montagem, consolidando todo o percurso de criação e expressão visual.

6.5 APRENDIZAGENS METODOLÓGICAS

A participação de pessoas sem deficiência variou ao longo do tempo, mantendo-se, no entanto, sempre mais reduzida do que nas oficinas de dança. Tal como observado nas oficinas de dança, uma estratégia de comunicação mais direcionada a públicos específicos, combinada com uma abordagem de maior proximidade com parceiros e comunidade, poderá aumentar a adesão voluntária às atividades.

Verificou-se que a acessibilidade do material não é igual para todos os participantes, e que especificamente mostra-se importante investigar a acessibilidade para as pessoas cegas ou com baixa visão.

Constatou-se também que, tal como na dança, é importante adequar os recursos humanos às necessidades específicas da fotografia inclusiva. Para garantir acompanhamento adequado e qualidade do processo, recomenda-se a presença de pelo menos dois co-facilitadores e assistentes de apoio em cada sessão.

7. PROCESSOS DE CRIAÇÃO E APRESENTAÇÃO

PÚBLICA

7.1 TRANSIÇÃO PARA A CRIAÇÃO

No segundo semestre do ano piloto, o projeto entrou numa fase predominantemente criativa. As oficinas passaram a centrar-se na consolidação e curadoria dos materiais artísticos previamente desenvolvidos, respeitando o ritmo, as especificidades e os processos de decisão de cada grupo. Esta etapa marcou a transição de uma lógica exploratória e formativa para uma dinâmica de criação colaborativa orientada para apresentação pública.

7.2 RESULTADOS ARTÍSTICOS

“Nós e a Cidade” — Exposição fotográfica integrada no coreto do Mercado Manuel Firmino.

A exposição foi inaugurada pelos participantes-criadores, em conjunto com a direção artística, contando com a presença de representantes da Câmara Municipal de Aveiro, parceiros locais, equipa de produção e gestão do projeto, familiares e membros da comunidade.

Após a inauguração, realizou-se um momento de reflexão partilhada entre artistas e público, que possibilitou o reconhecimento do grupo — composto por 23 pessoas com e sem deficiência — enquanto coletivo criador no território. As fotografias estiveram em exibição entre 20 de outubro e 22 de novembro de 2025.

“Partilhar, Sorrir, Desafiar” — Espetáculo de dança-performance apresentado em espaço público/comunitário no Mercado Manuel Firmino.

No dia 22 de novembro de 2025, os grupos apresentaram o resultado do processo criativo. Um total de 32 pessoas com e sem deficiência co-criaram um espetáculo imersivo que articulou dança, performance e elementos de teatralidade.

A afluência de público foi significativa, reunindo representantes autárquicos, parceiros locais, familiares e amigos dos participantes, bem como um número expressivo de membros da comunidade.

Após o espetáculo, realizou-se uma conversa aberta com o público, proporcionando um espaço de partilha sobre o processo criativo e de reflexão global sobre o projeto, que então concluía a sua fase piloto. Este momento final permitiu reforçar a relevância da iniciativa e sublinhar a necessidade de criar condições para o seu desenvolvimento, continuidade e possíveis replicações.

7.3 APRESENTAÇÕES COMO ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

As apresentações públicas foram concebidas não apenas como momentos de mostra dos resultados artísticos, mas como prática estruturante no processo. Neste enquadramento, assumiram-se como:

- **espaços de encontro e mediação entre participantes e comunidade**, promovendo proximidade, diálogo e reconhecimento mútuo;
- **momentos de validação do trabalho desenvolvido**, reforçando a identidade dos participantes enquanto criadores;
- **mecanismos de consolidação das aprendizagens**, permitindo integrar competências técnicas, expressivas e relacionais adquiridas ao longo do processo;
- **instrumentos de reflexão coletiva sobre inclusão**, ao convocarem o público para uma experiência estética que questiona representações sociais e amplia imaginários sobre participação cultural.

8. AVALIAÇÃO

A avaliação do projeto foi contínua e realizada a partir de diferentes fontes e métodos, incluindo:

- **observação** da equipa artística e de gestão;
- **feedback** informal dos participantes;
- instrumentos de **avaliação externa**;
- momentos de **reflexão coletiva**.

Esta abordagem permitiu ajustar práticas ao longo do processo, identificar fragilidades e consolidar aprendizagens essenciais para viabilizar fases seguintes do projeto.

9. SÍNTESE METODOLÓGICA

O ano piloto mostrou que a integração das assembleias comunitárias, das práticas artísticas inclusivas e da criação em espaço público constitui um modelo exigente, que requer constante avaliação e ajuste de estratégias para concretizar plenamente o seu potencial de inclusão cultural.

O resumo metodológico apresentado serve como um guia prático, passível de adaptação, replicação ou desenvolvimento, baseado na prática concreta e na experiência vivida por participantes, artistas, equipas técnicas, parceiros e pela comunidade envolvida.